



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

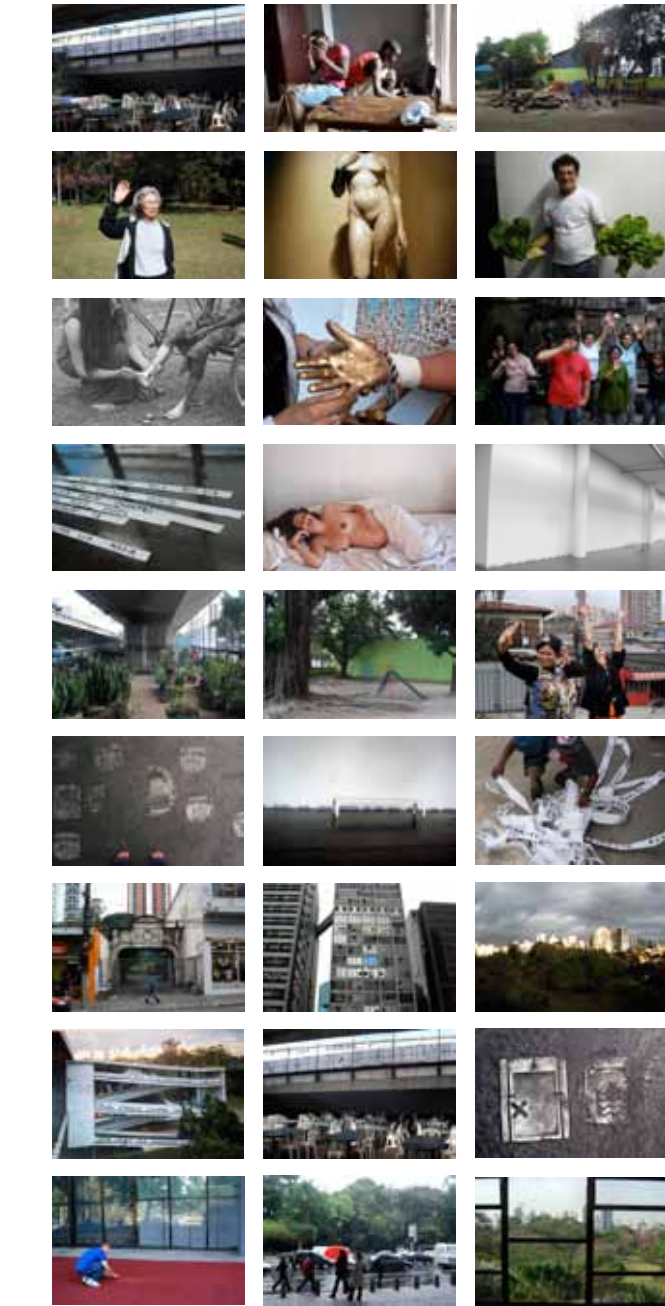
Livros e Capítulos de Livros - MAC

2012

Folhas de viagem

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46248>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo



Laura Martin

LOGBOOK

Director's Office

Sheets of Voyage synthesizes the moment MAC USP is going through. For some years now, while preparing itself to move into a new venue at Ibirapuera (which first step was the opening of the exhibition *Tridimensional in the Collection of MAC USP: An Anthology*, in January 2012), the Museum is undertaking a process of revision of important aspects of its collection. The first sign of such attitude was the exhibition *One Day It Will Have to Be Over, 1969/74*, where part of the 1960/70s Brazilian Works in the collection were revisited. From this exhibition, new paradigms to think about art and culture in the country in that period were formulated; and of the role played by MAC USP itself in such circumstances.

After that, *MAC at Work* (still on show) is an exhibition that shared debates on conservation, restoration and exhibition of contemporary art works with a larger audience, students and experts. The exhibition is another index of this process of revision that the Museum has felt compelled to realize, while confronting the challenges of a new venue and in the verge of celebrating its 50th anniversary. Another sign of such need of revisiting itself, and while doing it, reviewing certain museological, museographic and historiographic canons was *Modernisms in Brazil*: The exhibition presented a splendid part of the Brazilian modernist collection, side by side (and sometimes confronting) its luminous collection of international modernist works, while opening the celebration of the 90 years of the Week of Modern Art of 1922, in São Paulo.

In this "logbook", other moments of revision of MAC USP must underlined: *Alternative Networks*, *Hervé Fischer at MAC*, *Sociological and Art Connections*, *Photographers of the Contemporary Scene* and *Another Collection of MAC USP* point to fundamental aspects of the Museum's collection that only recently found place for their thorough exhibition. All of these exhibitions showed (or still show) works of modern and contemporary art revealing elements of Brazilian and international art in more than one century span.

Sheets of Voyage has to be understood as a synthesis of the threshold that MAC USP is living: The exhibition presents proposals that remake art and culture of the last century from a contemporary point-of-view. Taking the anthropophagic experience as helm, it proposes a critical thinking to the audience, presenting works that question preconceived barriers between the recent past and the contemporary, without leaving confrontation aside, as desired and practiced at MAC USP in recent years.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: João Grandino Rodas
Vice-Reitor: Hélio Nogueira Cruz
Vice-Reitor Executivo de Administração:
Antonio Roque Dechen
Vice-Reitor Executivo de Relações
Internacionais: Adneil Melges de Andrade
Pró-Reitora de Graduação: Telma Maria
Tenório Zorn
Pró-Reitor de Pós-Graduação:
Vahan Agopayan
Pró-Reitor de Pesquisa: Marco Antônio Zago
Pró-Reitora de Cultura e Ext. Univ.:
Maria Aminda do N. Arruda
Secretário Geral: Rubens Beçak

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
CONSELHO DELIBERATIVO
Ana Magalhães; Ariane Lavezzo; Cristina
Freire; Eugênia Vilhena; Helouise Costa;
Katia Canton; Lorenzo Mammi; Luiz Claudio
Mubarrac; Mario Celso Ramiro de Andrade;
Moacyr Ayres Novaes Filho; Tadeu Chiarelli

DIRETORIA
Diretor: Tadeu Chiarelli
Vice-diretora: Cristina Freire
Assessoras: Helouise Costa;
Ana Maria Farinha
Secretárias: Ana Lúcia Siqueira; Andréa
Pacheco

DIVISÃO DE PESQUISA EM ARTE – TEORIA
E CRÍTICA
Chefia: Helouise Costa
Suplente de Chefia: Ana Magalhães
Secretárias: Mônica Nave; Sara Vieira
Valbon
Docentes e Pesquisa: Cristina Freire;
Helouise Costa; Ana Magalhães

DIVISÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DE ACERVO
Chefia: Paulo Roberto A. Barbosa
Suplente de Chefia: Rejane Elias
Secretária: Maria Aparecida Bernardo
Documentação: Cristina Cabral;
Fernando Piola

Arquivo: Silvana Karpinski
Cons. e Restauração Papel: Rejane Elias;
Renata Casatti
Apoio: Aparecida Lima Caetano
Cons. e Restauração Pintura e Escultura:
Ariane Lavezzo; Márcia Barbosa
Manutenção: André Tomaz;
Técnicos de Museu: Fábio Ramos;
Mauro Silveira

DIVISÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA DE
EDUCAÇÃO E ARTE
Chefia: Evandro Nicolau
Suplente de Chefia: Andréa Amaral Biella
Docentes e Pesquisa: Carmen Aranha;
Katia Canton

Secretárias: Carla Augusto; Miriã Martins
Educadores: Andréa Amaral Biella; Evandro
Nicolau; Maria Ângela S. Francoio; Renata
Sant'Anna; Sylvio Coutinho
Esp. em Pesquisa de Apoio em Museu:
Sílvia M. Meira
Design: Alicia Krakowiak
Apoio: Luciana de Deus

SERVIÇO DE BIBLIOTECA E
DOCUMENTAÇÃO – LOURIVAL GOMES
MACHADO
Chefia: Lauci dos Reis Bortoluci
Documentação Bibliográfica: Anderson
Tobita; Josevalda Teles; Vera Filinto

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ADMINISTRATIVA
Chefia: Nilita Miglioli
Secretária: Regina Pavão
Contador Chefe: Francisco I. Ribeiro Filho
Contador: Silvio Corado
Chefia MAC Ibirapuera: Júlio J. Agostinho
Secretária MAC Ibirapuera: Sueli Dias
Almoxarifado e Patrimônio: Lucio Benedito
da Silva; Edison Martins
Compras: Eugênia Vilhena; Maria Sales;
Nair Araújo; Waldireny F. Medeiros
Pessoal: Marcelo Ludovici; Nilza Araújo
Protocolo, Expediente e Arquivo: Cira Pedra;
Maria dos Remédios do Nascimento;
Simone Gomes



FOLHAS DE VIAGEM

A partir de 29 de novembro de 2012
Curadoria: Ana Magalhães
Assistente de pesquisa: Maria Lívia Góes
Tradução para o inglês: Marina Barzon Silva
Reprodução fotográfica da obra *Projeto Tarsila (Retrato)*, *Raisonné*, 2011: Juan Guerra
MAC USP • www.mac.usp.br • Cidade Universitária
Rua da Praça do Relógio, 160 (antiga Rua da Reitoria) • C. Universitária • São Paulo - SP
CEP: 05508-050 • Tel.: 55 11 3091 3039
Terça e Quinta das 10h às 20h • Quarta, Sexta, Sábado, Domingo e Feriados das 10h às 18h
• Segunda-feira fechado
Obra capa: Amedeo Modigliani • *Autorretrato*, 1919 • óleo s/ tela • Coleção MAC USP



Tesouraria: Rory Willian Pimentel;
Rosineide de Assis
Copa: Regina de Lima Frosino
Copa MAC Ibirapuera: Amarina Ribeiro
Loja: Liduína do Carmo
Audiovisual: Maurício da Silva
Manutenção: André Tomaz;
Luiz Antonio Ayres
Manutenção MAC Ibirapuera:
Ricardo Caetano
Transportes: José Eduardo da Silva;
Anderson Stevanin; Jarbas Rodrigues Lopes
Vigilância Chefia: Marcos de Oliveira
Vigias: Acácio da Cruz; Affonso Pinheiro;
Alcides da Silva; Antoniel da Silva;
Antonio C. de Almeida; Antonio Dias;
Antonio Marques; Carlos da Silva; Clóvis
Bomfim; Custódia Teixeira; Elza Alves;
Emílio Menezes; Geraldo Ferreira; José
de Campos; Laércio Barbosa; Luis C. de
Oliveira; Luiz A. Macedo; Marcos Prado;
Marcos Aurélio de Montagner; Osvaldo
dos S. Maria; Raimundo de Souza; Renato
Ferreira; Renato Firmino; Vicente Pereira;
Vitor Paulino

IMPRENSA E DIVULGAÇÃO
Jornalista: Sérgio Miranda
Equipe: Beatriz Berto; Carla Carmo
SEÇÃO TÉCNICA DE INFORMÁTICA
Chefia: Teodoro Mendes Neto
Equipe: Roseli Guimarães

SECRETARIA ACADÊMICA
Analista Acadêmico: Aguida F. V. Mantegna
Técnico Acadêmico: Paulo Markezini
Técnico Acadêmico (PGEHA): Joana D'Arc
Ramos S. Figueiredo

PROJETOS ESPECIAIS E
PRODUÇÃO DE EXPOSIÇÕES
Chefia: Ana Maria Farinha
Produtoras Executivas: Alessandra M.
Oliveira; Beatriz Cavalcanti; Claudia Assir
Editora de Arte, Projeto Gráfico e
Expográfico: Elaine Maziero
Editoria Eletrônica: Roseli Guimarães

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

da Universidade de São Paulo

FOLHAS DE VIAGEM



DIÁRIO DE BORDO

Diretoria MAC USP

Folhas de Viagem sintetiza o momento atual do MAC USP. Há alguns anos preparando-se para ocupar uma nova sede no Ibirapuera – já tendo dado um primeiro passo nesse sentido, com a mostra *O Tridimensional no Acervo do MAC: uma Antologia*, inaugurada em janeiro de 2012 –, o Museu passa por um processo de revisão de importantes aspectos do acervo. O primeiro sinal de tal aceleração foi a mostra *Um Dia Terá que Ter Terminado 1969/74*, em que parte da coleção de obras brasileiras dos anos de 1960/70 foi revisitada. A partir daquela exibição, foram formulados novos paradigmas para se pensar a arte e a cultura do país naquele período, e, dentro daquela circunstância, o papel desempenhado pelo próprio MAC USP.

Na sequência, foi apresentada *MAC em Obras* (ainda em cartaz), exposição que socializou os debates sobre conservação, restauro e exibição de obras de arte contemporânea para o grande público, estudantes e especialistas. *MAC em Obras* é mais um índice desse processo de revisão que o Museu viu-se compelido a realizar, frente aos desafios de uma nova sede, e às vésperas de completar 50 anos. Outro sinal dessa necessidade de revisitar-se e, ao fazê-lo, rever determinados cânones museológicos, museográficos e historiográficos foi *Modernismos no Brasil*, exposição que, ao dar início em São Paulo às comemorações dos 90 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, o fez apresentando parte da esplêndida coleção modernista brasileira do acervo, ao lado – e muitas vezes em confronto – de sua igualmente luminosa coleção de obras modernistas internacionais.

Neste "diário de bordo", cabe sublinhar ainda outros momentos de revisão que o MAC USP procede: *Redes Alternativas*, *Hervé Fischer no MAC USP*, *Arte Sociológica e Conexões*, *Fotógrafos da Cena Contemporânea* e *Um Outro Acervo do MAC USP*, apontam para aspectos fundamentais do acervo do Museu que apenas recentemente encontraram espaço para sua plena exibição. Todas essas mostras exibiram (ou ainda exibem) obras de arte moderna e contemporânea, dando conta de ângulos da arte brasileira e internacional que já atravessa mais de um século.

É neste sentido que *Folhas de Viagem* deve ser entendida como uma síntese desse limiar que o MAC USP ora atravessa: a mostra reúne proposições que refazem a arte e a cultura do século passado sob uma ótica contemporânea. Tendo como leme a experiência antropológica, *Folhas*, como de praxe no MAC USP nos últimos anos, propõe um pensar crítico para o público, colocando lado a lado propostas que questionam barreiras preconcebidas entre o passado recente e a atualidade sem se furtar ao confronto, sempre desejável.



Gustavo Von Ha



FOLHAS DE VIAGEM

Ana Gonçalves Magalhães
Curadora

Uma das narrativas sobre a invenção de uma linguagem plástica modernista no Brasil tem suas origens no retorno de Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade da França e na primeira visita do escritor Blaise Cendrars ao País, em 1924. Acompanhado por Tarsila, Oswald, Mário de Andrade, financiado por Paulo Prado, Cendrars empreende uma viagem ao interior do Brasil, pelas cidades coloniais de Minas Gerais. Dela resultou um grandioso projeto, de uma coletânea de poemas e escritos que teriam sido organizados em 8 volumes, mas que naquele momento, publicou-se apenas um. *Feuilles de Route: I. Le Formose* é um diário de bordo, em forma de poema, de sua viagem de navio até o Brasil. O livro é ilustrado por Tarsila, tendo na capa um esboço de *A Negra*. Junto com esse volume, Oswald publica em Paris sua coletânea de poemas *Pau-Brasil*. Em suas memórias, Cendrars descreveu o Brasil como sendo “(...) de uma grandeza inefável onde a civilização e a selvageria não contrastam, mas se mesclam, se conjugam, se casam, de uma maneira ativa e perturbadora...”.

Por outro lado, as proposições de Tarsila, Oswald e Mário, naquele momento de encontro, situavam-se para além do campo das artes visuais, estando eles envolvidos na construção de um novo projeto de nação, que viria a resultar na publicação de *Macunaíma* de Mário de Andrade, nas suas expedições folclóricas e na criação do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Tarsila desenvolve sua pintura Pau-Brasil, e Oswald escreve seu *Manifesto Antropófago*, cujas teses de “devoração do outro” (neste caso, a cultura europeia) tiveram uma longa trajetória na poética de artistas aqui e lá. Num mundo em que assistimos a uma tensão crescente em diferentes territórios, no qual ainda parecemos falar de diferenças de povos e classes sociais, as proposições lançadas nos anos 1920 podem ainda ser relembradas, na medida em que apontavam para o desejo de uma nova humanidade, sobretudo no caso do Brasil, em que a “mescla” de civilização e a selvageria parece continuar a operar no imaginário de quem chega aqui.

De julho a agosto de 2010, a artista francesa Laura Martin fez sua residência no MAC USP. Como para Cendrars nos anos 1920, seu primeiro encontro com o Brasil foi com São Paulo, cidade contraditória, plena de conflitos e utopias subjacentes. A artista registrou seus percursos, seus encontros, vividos de improviso ou provocados, através de uma espécie de diário de imagens e palavras, sobretudo daqueles que, para ela, constituem “espaços” ou “instantes” silenciosos dessa realidade. A coletânea de fotografias *Uma Cidade para Todos* foi construída a partir dos registros de uma série de atividades que a artista propôs com o apoio da ação educativa do MAC USP (em colaboração com a educadora Andrea Amaral). Com a ação *Tocar para Dizer* (já realizadas na Índia e na França), e com o uso da técnica do “teatro de imagens”, emprestado das práticas do “teatro do oprimido” de Augusto Boal, Laura Martin desenvolveu uma relação de colaboração com seu público. Em *Tocar para Dizer*, a douração da pele dos participantes servia de metáfora da valorização das mãos de artesãos (oriundos da situação de rua) de organizações sociais. No Brasil, cuja história inscreveu-se na tradição da escravidão, a ação procurou tocar neste

ponto invisível. Já as técnicas do “teatro do oprimido” foram empregadas numa ação de registro de gestos e experiências cênicas, com esses mesmos grupos, que procuraram assim traduzir suas noções de resistência, acolhimento, opressão etc.

Palavras que nós Carregamos, *Palavras que nos Carregam* é um alfabeto de palavras, que resultou de um trabalho colaborativo com os funcionários do MAC USP, da sede do Ibirapuera, não diretamente associados à face pública do museu e às suas atividades de exposição (pessoal do serviço de limpeza e segurança), que dividiram esta experiência com os funcionários especializados do Museu. Através de jogos de escrita desenvolvidos pela artista, os participantes procuraram eleger palavras que lhes eram importantes ou significativas. Organizadas em ordem alfabética, elas formam uma grande tira, que percorre o rodapé do espaço expositivo.

Como na proposição oswaldiana, Laura Martin elabora suas ações colocando em xeque a relação tradicional entre o artista, sua criação e seu público, pois seu trabalho questiona o papel da artista como condutora do processo. A dimensão poética das ações de Laura Martin revela uma sutileza que parecia estar no cerne do projeto modernista do qual falamos, assim como também em alguns trabalhos de artistas brasileiros presentes na exposição.

Quebrando Rocha (2008) do coletivo MOMA/V-DOC constitui-se da edição e decupagem de uma série de filmes, entrevistas e documentários de e sobre Glauber Rocha. Personagem central do Cinema Novo nos anos 1960, Rocha buscou uma linguagem autêntica para o cinema brasileiro, questão que é revisitada na proposição do coletivo.

Em *Sem título (Grupo Modigliani)*, Bartolomeo Gelpi confrontou-se com o *Autorretrato* de Amedeo Modigliani, do acervo do MAC USP. Tal escolha refletiu, antes de tudo, a formação de Gelpi, cuja trajetória como pintor foi sendo feita em contato com o acervo do MAC USP. Gelpi trata da obra como uma espécie de gramática da cor, a qual ele nos desvenda num conjunto de pinturas que exercitam sistematicamente os tons e cores usados pelo artista italiano.

Esse diálogo que Gelpi estabelece com Modigliani aproxima-se do *Projeto Tarsila* de Gustavo von Ha. Ao copiar desenhos de Tarsila do Amaral da sua fase Pau-Brasil, o artista recoloca o problema da formação artística e trata daquela experiência modernista como um cânone para a produção contemporânea. Vai ainda mais longe quando trabalha sobre folhas de papel de cem anos atrás e na escolha de molduras, ora compradas em antiquários, ora deliberadamente envelhecidas. Desse modo, e assim como nas proposições de Gelpi, de Martin e do coletivo MOMA/V-DOC, ele desconstrói uma apreensão linear do tempo e da história da arte, fazendo emergir vários tempos contemporaneamente.

Folhas de Viagem procura, através do trabalho desses artistas, revisitar o gesto antropofágico enquanto deslocamento e encontro com o outro – no tempo e no espaço – resgatando os laços entre arte e vida.

SHEETS OF VOYAGE

Ana Gonçalves Magalhães
Curator

One of the narratives about the invention of a modernist visual language for Brazil has its origins in the return of Tarsila do Amaral and Oswald de Andrade from France and the first visit of the writer Blaise Cendrars to the country in 1924. Accompanied by Tarsila, Oswald, Mário de Andrade, sponsored by Paulo Prado, Cendrars undertakes a journey to the heart of Brazil, through the colonial towns of Minas Gerais. The result was a great project, of a collection of poems and writings that would have been organized in 8 volumes, but of which just one was published then. *Feuilles de Route I. Le Formose* is a logbook, in the form of series of poems, about his ship travel to Brazil. The book is fully illustrated by Tarsila, the cover being a draft of *The Negress*. Along with this volume, Oswald publishes in Paris his collection of poems *Pau-Brasil*. In his memoirs, Cendrars described Brazil as “(...) an ineffable greatness where civilization and savagery do not contrast, but blend, combine, marry, in an active and disturbing manner...”.

On the other hand, the propositions of Tarsila, Oswald and Mário, at that moment of encounter, were located beyond the visual arts field, as they were also involved in the making of a new project of nation, which would result in the publishing of Mário de Andrade’s *Macunaíma*, in his folkloric expeditions, and the creation of the Department of Culture of the City of São Paulo. Tarsila develops her Pau-Brasil painting, and Oswald writes his *Manifesto Antropófago*, whose thesis of “devouring the other” (in this case, European culture) had a long life in artistic poetics here and there. In a world in which we see a growing tension in different territories, and still seem to talk about differences of people and social classes, the 1920 project seems to linger on, since it pointed to the desire of a new humanity, especially in the case of Brazil, where “blended” civilization and savagery seem to continue to operate in the minds of those who come here.

From July to August 2010, French artist Laura Martin did a residency program at MAC USP. Like Cendrars in the 1920s, her first encounter with Brazil was with this contradictory city, full of conflicts and underlying utopias. The artist recorded her journeys, her meetings (be them arranged or by chance), through a sort of diary of images and words, especially of those that, for her, are silent “spaces” or “moments” of the city. The collection of photographs *A city for all* was built from the records of a series of artistic actions that the artist proposed in collaboration with MAC USP art education department (with educator Andrea Amaral), organized with different social structures of the city. With the action *Touch to say* (already realized in India and in France), and with the use of the technique of “theater of images”, borrowed from the practices of Augusto Boal’s “theater of the oppressed”, Laura Martin has developed a collaborative relationship with her public. In *Touch to say*, the gilding of the skin of the participants served as a metaphor of the valorization of the hands of artisans (street dwellers) from social organizations. In Brazil, whose history is marked by slavery, the action sought to touch this invisible spot. The techniques of the “theater of the oppressed” were employed in an action of photographing gestures and scenic experiences, with the same groups, who sought then to translate their notions of resistance, reception, oppression etc.

Words we carry, words that carry us is a word alphabet, which resulted of a collaborative work with the staff of MAC USP at Ibirapuera, not directly associated with the public face of the museum and its exhibition activities (cleaning personnel and security), who shared this experience with the specialized staff of the Museum. Through writing games developed by the artist, participants elected words that were important or significant for them. Organized alphabetically walls, they form a large ribbon of words, which crosses the skirhing of the exhibition.

As in in the propositions of Oswald, Laura Martin elaborates her actions jeopardizing the traditional relationship between the artist, their creation and their public, for her work questions the role of the artist as conductor of the process. The poetic dimension of the actions of Laura Martin reveals a subtlety that seemed to be at the core of the modernist project mentioned above, and also in some works by Brazilian artists present in the exhibition.

Breaking Rocha (2008) of the collective MOMA/V-DOC consists of the editing and decoupage of a series of films, interviews and documentaries by and about Glauber Rocha. Central character of the Cinema Novo of the 1960s, Rocha pursued an authentic language for Brazilian cinema, issue that is reformulated by the collective’s proposal.

In *Untitled (Group Modigliani)*, Bartolomeo Gelpi confronted himself with *Self-portrait* by Amedeo Modigliani, from the collection of MAC USP. This choice reflected, above all, the education of Gelpi, whose career as a painter was fostered in contact with the collection of MAC USP. Gelpi treats the work as a kind of grammar of color, which he unveils in a series of paintings that systematically exercise shades and colors used by the Italian artist.

The approach of Gelpi to Modigliani is similar to *Project Tarsila* by Gustavo von Ha. While mimicking drawings by Tarsila do Amaral’s Pau-Brasil period, the artist brings back the issue of artistic training and treats this modern experience as a canon for contemporary production. He goes even further because he works on sheets of hundred years ago and in the choice of frames, sometimes bought at antique shops, sometimes deliberately aged. Thus, and as well as on the propositions of Gelpi, Martin and the collective MOMA/V-DOC, he deconstructs a linear apprehension of time and of the history of art, making several times emerge simultaneously.

Through the work of these artists, *Sheets of Voyage* searches to revisit the anthropophagic gesture as dislocation and encounter with the other - in time and space - rescuing the ties between art and life.

Amedeo Modigliani

Livorno, Itália, 1884 - Paris. França, 1920
Autorretrato, 1919
óleo s/ tela, 100 x 64,5 cm
Coleção MAC USP

Bartolomeo Gelpi

São Paulo, SP, Brasil, 1975
Sem título (Grupo Modigliani), 2010
óleo sobre tela, 50 x 50 cm
Coleção artista

Modigliani, 2012

óleo sobre tela, 100 x 64,5 cm
Coleção artista

Gustavo Von Ha

Presidente Prudente, SP Brasil 1977
Projeto Tarsila (Retrato), Raisonné, 2011
nanquim e grafite sobre papel montado em moldura de madeira entalhada e pintada, 66 x 57 x 4 cm
Coleção MAC USP

Projeto Tarsila, Autorretrato I e II (Google Images), 2010

nanquim e lápis de cor sobre papel montado em moldura de madeira dourada, 33,5 x 60 x 2 cm
Coleção MAC USP

Série do Google (A Negra do Google), 2011
aquarela e grafite sobre papel montado em moldura de madeira entalhada e dourada, 75 x 65 x 7 cm
Coleção MAC USP



Laura Martin

Estraburgo, França, 1971
Palavras que nos Carregam, Palavras que Nós Carregamos, 2010
impressão sobre fita adesiva
15 cm x 1200 cm
Coleção artista

Uma Cidade para Todos, 2012
impressões digitais sobre papel fotográfico brilhante
36 fotos, 105 x 70 cm cada
Coleção artista

Quebrando Rocha, 2008 / 2012

Quebrando Rocha, 2008 / 2012

Live Cinema

Apresentação na mostra “Folhas de Viagem”: Guilherme Fogagnoli, Maira Endo e Samantha Moreira
Endo e Samantha Moreira
Duração 30 min.

Projeto criado em 2008 por Guilherme Fogagnoli, Guilherme Maglio, Maira Endo e Samantha Moreira, “Quebrando Rocha” é uma apresentação de Live Cinema que se constrói a partir de fragmentos de filmes de Glauber Rocha (1931-1981). Das cenas retiradas de mais de 20 de seus filmes, são produzidos “loops” que ao vivo são recombinados e re-editados ao vivo criando uma nova narrativa, compondo uma nova obra.

mãe magia mãos mar medo memória mudança muito obrigada mulheres mundo música mutirão nascimento novo nuvens objetivo obrigado oi olhar oportunidade ouvir pais participação qualidade queimadura querer quimono recriar resistir responsabilidade rir risos sabedoria saúde sempre sentir simplicidade sol solidariedade solução sonho sorriso tempestade tempo ternura todos trabalhar tranquilidade tricotar união universal utopia vencer ver verde viagem vida vinculação viver vivo ...